

PERSPECTIVA ANGLICANA DE MISSÃO

+Jubal Neves

Há algumas divisões a respeito de questões teológicas relacionadas à Missão e Evangelização suscitadas na Comunhão Anglicana. Pessoalmente vivi essa realidade ao participar do MISAG II (1987-1992) e do MISSIO (1994-2000), - comissões inter-anglicanas que estudaram, debateram, encorajaram novas estruturas e assessoraram a Comunhão Anglicana em assuntos de Missão. Esta afirmação se deve à diversidade e inclusividade da nossa Comunhão que estão presentes nessas Comissões. E isso, indubitavelmente, é muito saudável ao nosso *ethos* (jeito de ser). Entretanto, nas diversas vezes em que nos defrontamos com diferenças teológicas, o preceito de Santo Agostinho de Hipona se impõe - "*No essencial unidade, no secundário liberdade, e em tudo caridade*".

Na verdade, há uma notável convergência nas afirmações Anglicanas, Católico-Romanas, Ecumênicas e Evangélicas na visão da Missão, todas incluindo Nutrição, Proclamação e Transformação.

Vejamos a definição de Evangelização no CCA/73: "Evangelização significa compartilhar com os outros o que recebemos por meio de Jesus Cristo, de modo agradecido, humilde e amável: o conhecimento de Deus, especialmente visível no amor de cruz e no poder da ressurreição: a certeza do perdão de nossos pecados por Deus e a sua graça para nos ajudar nas dificuldades, tentações, desafios e oportunidades da vida; e a garantia de uma qualidade de vida que a morte física não poderá destruir... A tarefa missionária da Igreja continua a procurar a reconciliação do homem com Deus, do homem com o homem e do homem com o meio-ambiente" (pp.152-155 da tradução em português). No CCA/87, fica claro que na Comunhão Anglicana as expressões "Evangelism" e "Mission" não são utilizadas com o mesmo significado, mas "Evangelism" é uma parte da Missão. Em contraste com o CCA, a definição de Lambeth 88, é bem mais resumida e conservadora ("espalhar o evangelho, estabelecer a igreja"): "Evangelização é a comunicação das boas-novas do reinado de Cristo juntamente com a admoestação para que as pessoas se arrependam, creiam e sejam batizadas em seu corpo, a Igreja" (*The Truth Shall Make You Free*, p.43).

Vejam que o discipulado parece ocorrer apenas na igreja, e nada consta sobre o serviço no mundo. E o resultado da evangelização torna-se parte da própria evangelização, *como se Deus nos obrigasse ao êxito! Não, Ele simplesmente nos convida a obedecer!* (cf. D. Helder Câmara).

Mas eu gostaria de chamar a atenção para algumas resoluções já em Lambeth 88 (cf. *Resolutions of the Twelve Lambeth Conferences / 1867-1988*, editado por Roger Coleman, 1992, p.221):

Resolução 42: *A Conferência recomenda que as Províncias e as Dioceses encorajem, treinem, equipem e enviem os leigos para a evangelização e o ministério.*

Resolução 44: *Esta Conferência: (a) chama a atenção para uma mudança rumo a uma dinâmica ênfase missionária que vá além do cuidado e nutrição, para a proclamação e o serviço; e, portanto, (b) aceita o desafio que isso apresenta para as estruturas e formas de adoração e ministério das dioceses e comunidades locais, buscando em Deus um movimento renovador do Espírito, através da oração, do amor compartilhado e da evangelização em obediência ao mandamento do Senhor.*

“A Igreja é a assembléia de pessoas que, pelo Batismo, pertencem à Nova Aliança que Deus estabeleceu com a humanidade em Cristo e que, portanto, através do dom do Espírito, estão unidas com Cristo em sua morte e nova vida, a ponto de serem adotadas como filhos e filhas de Deus, compartilhando com Cristo e uns com os outros a nova vida que pertence à carne da Palavra eterna de Deus”. Esta é a **nossa identidade batismal**, cf. o Cônego Richard Norris, em subsídio recentemente escrito à Câmara de Bispos da TEC. Mas junto com ela, acrescenta o autor, vem também a **chamada batismal** para ser discípulos e fazer discípulos, cujas vidas e ações, individuais ou comunitárias, atestem ser Cristo a “graça e verdade”, a justiça e a misericórdia do reinado de Deus.

É por isso que não se pode falar em missão isolada de ministério (serviço), e de missão sem considerar a evangelização. **Missão é a forma, evangelização é o conteúdo!** Nós, anglicanos, temos recuperado a visão contemporânea do *ministério de todo o povo de Deus*. É uma noção bíblica, evidentemente, e significa que há uma igreja apostólica e missionária que se organiza em ministérios e serviços. Desde 1968, tanto nas Conferências de Lambeth quanto nos Relatórios do Conselho Consultivo Anglicano, se fala em “**Missão e Ministério**”.

Nos documentos da Comunhão Anglicana, hoje, **Missão** não é o que “nós” (cristãos) fazemos por “eles” (os pobres, os não cristãos). *Mas é Deus-em-ação por meio de cada comunidade local, em cada diocese, em cada cultura, num testemunho (At 1.8) encarnado (imersa na realidade), pastoral (mostra o amor de Deus em ação) e sacramental (toca a vida das pessoas)* (Arcebispo G. Carey no Relatório do CCA-9/93, pp.95-105). Nas palavras do Bispo David Gitari, antigo Primaz da Igreja do Quênia (pp. 25-42, *Crossroads Are For Meeting*, SPCK 1986), “Deus envia Jesus para realizar a sua obra e a Igreja é chamada e enviada para participar dela”. “Esta missão envolve tudo para o que Deus envia Jesus fazer. Portanto, envolve não somente anunciar, mas ensinar, curar e reconciliar, com a responsabilidade de buscar transformar a ordem social”. A Missão é sempre Missão de Deus. É a **Missio Dei**, tarefa urgente que encontra sua base bíblica em textos como Lc 4.21, Is 61, Is 65.17-25, Jo 3.16, Jo 20.21. E a Igreja, com a mesma urgência, é chamada a:

- proclamar as boas novas do reinado de Deus
- ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- responder às necessidades pelo serviço que expresse o amor
- procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade
- lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra

(Relatórios do CCA reunido na Nigéria em 1984 e no País de Gales em 1990)

Vemos a **urgência** e a **inclusividade da Missão**, e o Relatório do CCA/1990, ao ressaltar a idéia de **transformação (social & pessoal)** à de **proclamação**, chega ao detalhe de explicitar a quem especialmente se dirige a Missão:

- aos que não conhecem a Cristo
- aos que sofrem perseguição e vivem como refugiados
- aos que não têm lar, os alienados do convívio humano
- às vítimas de enfermidades
- às vítimas de drogas
- aos que não têm esperança

Em Jo 14.12, Jesus afirma: “Eu garanto a vocês: quem acreditar em mim, fará as obras que eu faço”. Com nossas fraquezas e limitações, características da nossa humanidade, recebemos de Jesus o mandamento: - “**Assim como Pai me enviou, eu envio vocês!**” (Jo 20.21). - “**Recebam o Espírito Santo!**” (Jo 20.22). É a **Missio Dei** à maneira de Cristo.

James Fenhagen, ex-reitor do Seminário Geral da New York, no texto *“Educating Leaders for the Church”*, diz que devemos mudar o rosto de nossa igreja: **“de uma igreja de consumidores para uma igreja de participantes”**. A Aliança Batismal é o convite de Deus para participarmos do ministério de Jesus Cristo. Viver nele como Ele vive em nós.

Já vimos que com a *identidade* vem junto, inescapavelmente, a *chamada batismal*. Por isso é que a oração, a adoração e o estudo da Bíblia são tão centrais para a vida cristã: são as maneiras pelas quais a vida em Cristo é aprofundada e alimentada. A partir desse alicerce sólido nos tornamos portadores de Cristo para outros. O ministério de todos os cristãos tem um significado essencial na missão da Igreja! (*Shaping Our Future*, Cowley Publications, 1994, pp. 77-85, editado por J. Stephen Freeman).

O cônego anglicano O.C. Edwards Jr., em *“An Overview of Evangelism in the Church / New Testament to the Present”*, 1976, artigo em *The Anglican Theological Review* (p.178), aconselha simplesmente que **“o melhor método de evangelização é convidar alguém para a igreja”**. O convite não é coercitivo e é preciso que o interlocutor tenha a liberdade de aceitar ou não. Mas a **evangelização tem a ver com imersão, convite e diálogo**. E isso diz por si mesmo que **evangelização tem a ver com palavra e exemplo. É algo que você faz e diz**. Tem a ver com ação social, justiça e paz (transformação), comportamento (tomada de decisões), um processo gradual, num progressivo e contínuo encontro com o Senhor Jesus. É dentro dessa moldura que nós deveremos convidar alguém para a igreja! Lembrando aquelas famosas palavras do Arcebispo Ramsey, na década de 70: - *A Igreja que vive para si mesma morre por si*. O pensamento anglicano sobre missão (cf. Relatório do MISAG-I / 1985, *“Dando à Missão o seu Próprio Lugar”*, Parte A, II. 3), salienta que a **missão da Igreja envolve o falar, o ser e o agir como sendo aspectos diferentes da proclamação**. *“Se a Igreja só fala de Deus, mas não vive uma vida em comunidade que mostre a natureza da vida de Deus, suas palavras parecerão vazias. Se a Igreja cuida tão somente de seus membros, sem manifestar compaixão pelo sofrimento humano, nem enfrentar as injustiças humanas, o amor que ela proclama e exterioriza parecerá superficial e egoísta. Se, por outro lado, a Igreja limita-se a fazer boas obras e buscar a justiça deixará de falar de Deus e assim falhará em tornar conhecido Aquele em cujo nome ela tem sido enviada”*.

Culto e Missão são uma dupla inseparável, e isso traz novamente o papel do leigo e da comunidade local como agentes missionários por excelência. Recomendo a leitura do livro *“Unashamed Anglicanism”*, do bispo de Ely, D. Stephen Sykes. Mas o que desejo ressaltar é que, ao final do livro, Sykes fala de uma teologia anglicana da evangelização. A construção do contexto para a proclamação do evangelho é uma tarefa primária da Igreja, diz ele enfaticamente. “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Único Filho”(Jo 3.16). O mundo é amado por Deus, ainda que “não seja um amor correspondido”. E isso é motivo de ação de graças e louvor. A Igreja é “quem” reconhece isso, “dá graças a Deus” (ver a tradicional *Geral Ação de Graças*, LOC p. 40). O bispo de Ely diz que (p.204) “nossa liturgia já contém tudo o que nós precisamos para a Evangelização”. A base de nossa espiritualidade (agostiniana) contida em Efésios 4 (11-16), é **“equipar os santos para o serviço no mundo”**. Se lermos com atenção nossas “Coletas”, observaremos expressões ritmadas de *“derrama em nossos corações tanto amor a ti”*, *“o amor do teu nome”*, *“nutre-nos com toda a bondade”*... (exemplos: Coletas para os 2º e 5º domingos da Quaresma, 2º domingo do Advento, 6º domingo da Páscoa, Próprios 8, 10, 15, 25, dia de São João Batista, etc.). Podemos dizer que no Livro de Oração Comum há uma concepção de “conversão gradual” (vagarosa, passo a passo). Esse modelo de vida cristã é estruturado por um ritmo de contrição e louvor, apoiado pelo ministério pastoral que busca promover uma verdadeira contrição pelo pecado e uma reconciliação, e que levam ao louvor da comunidade.

Qual é o problema evangelístico aqui? É que em muitos contextos, em nossa Igreja, um grande número de pais não trazem seus filhos ao Batismo. Muitos batizados não participam do processo de educação cristã da Igreja (em muitos casos inclusive esse processo não acontece satisfatoriamente!). Até aqueles que são confirmados não perseveram, ou tem sido cativados por “um amor alternativo”, como o do sucesso pessoal, do consumismo, do individualismo.

Então, nós somos confrontados pela necessidade da conversão de adultos, que não é o que o nosso LOC tem em mente. Daqui se entende a frase que tem sido repetida em nossa Comunhão ultimamente: - **“Precisamos mudar a face da Igreja: de um modelo pastoral e de ensino para um modelo de proclamação e de serviço”**. Eu, pessoalmente, concordo com esta frase e a subscrevo, ainda que deva ter consciência de que muitas vezes nem o modelo pastoral e de ensino têm sido eficientes, quanto mais eficaz.

Há certos reparos importantes a ser considerados, afirma o bispo Sykes (pp.206-207):

(A) Uma comunidade de adoração e louvor é uma agente de evangelização. Aqui o leigo é educado na fé e cresce na articulação dessa fé, sendo assim equipado para a evangelização. Louvar a Deus com o coração e com a voz é também um aspecto essencial da evangelização.

(B) Há uma importância fundamental na construção do contexto no qual se proclama o evangelho. Não basta que o sal seja sal. O sal só salga se estiver dentro da panela. O povo de Deus é um agente de evangelização (I Pe 2.9), um povo que louva a Deus não somente com seus lábios, mas em sua vida. E isto também consta do nosso Livro de Oração Comum. Envolve preocupação social, envolvimento com os pobres. É muito mais que a antiga prece - *“Não sejam os necessitados esquecidos / Nem se apague a esperança dos pobres”* (Oração Diária, p.36)! Não há competição entre testemunho social e evangelização. É o amor de Deus que nos compele (ou deveria compelir!) como Povo de Deus à evangelização e à luta contra a desordem social e a opressão. O **Salmo 102** afirma claramente a conexão entre libertação e louvor (leiam os **versos 18-21**).

O que então é EVANGELIZAÇÃO? Ao fim de Lc 4, Jesus, após um exaustivo dia de pregação e cura, se afasta para um lugar à parte. As multidões o seguem e rogam que não os deixe. Mas Ele diz: - *“Devo anunciar a boa-nova do Reino de Deus também para as outras cidades, pois que para isso é que fui enviado”* (Lc 4.43).

“Evangelização é uma atividade multiforme. É mais semear ou educar do que levantar o braço de alguém ou dar um beijo. Ela acontece com e através de uma série de outras atividades que estão intimamente relacionadas a circunstâncias específicas nas quais o evangelista está engajado” (William Abraham, *“The Logic of Evangelism”*, 1981. p.104).

Evangelização é simplesmente a conseqüência de querer tanto quanto possível partilhar o mais plenamente e explicitamente possível a fé que recebemos de nossos pais (HE, n° 268), vivenciando a liturgia da igreja **em todas as suas conseqüências**. Isso é boa-nova para todo o mundo!

A fé, se verdadeira, tem necessidade de partilhar seus motivos. É algo transbordante, uma alegria contagiante, sempre com tempo e razões para ser anunciada. E aqui, na atitude missionária, comprova-se a palavra de Jesus que disse”... *pois a boca fala aquilo de que o*

coração está cheio” (Mt 12.34). Se a boca for muda, é por que o coração está vazio. Uma Igreja que não mais anuncia e compartilha a fé, está gravemente enferma!

Todo este entendimento a respeito da Missão em nossa Igreja se expressa no conteúdo do Livro de Oração Comum. Há uma forte propensão anglicana de expressar a nossa teologia através da liturgia. “A lei da oração é a lei da fé” (*lex orandi, lex credendi*) caracteriza a nossa maneira anglicana de enunciar as declarações de fé. Aquilo que cremos é melhor entendido através da nossa liturgia. Nossa adoração não é apenas uma ação que expressa nossa liturgia, mas é também um ato de crer (“**a forma de adoração se torna a forma do crer**”).

O nosso LOC , assim como os ritos de ordenação aprovados pela Igreja, sinalizam uma relação diferente entre o laicato e o clero. Antigamente, o laicato era como que um tesouro a proteger, devendo ser removido do mundo; um rebanho a ser conduzido para a salvação. Agora os clérigos são vistos como parte total do povo de Deus. O clero existe por causa do laicato, com a responsabilidade de preparar os batizados para a missão, e de enviá-los ao mundo. Ambas as compreensões eclesiais são verdadeiras e devem permanecer para uma visão global da missão da Igreja, afirmou o anterior bispo anglicano de New York, D.Richard F. Grein, em um documento escrito à sua Câmara dos Bispos. Mas aconteceu, diz ele, uma mudança de ênfase de uma Igreja preocupada com sua própria salvação para uma Igreja que sente a necessidade de expressar sua missão no mundo. Na Aliança Batismal (LOC p. 166 e 179), todos renovam seus votos prometendo ser evangelistas: “proclamar, por palavras e exemplo, as boas-novas de Deus em Cristo”, ser servos, “procurar servir a Cristo em todas as pessoas”, ser profetas, “defender a justiça e a paz para todos, respeitando a dignidade de todo o ser humano”... Fica evidente que os batizados são ministros principais da missão da Igreja, e o ministério ordenado se define como serviço em relação aos batizados (se examinarmos os Ritos de Ordenação isso fica bem clarificado especialmente na exortação do Exame Canônico). O ministério, além de ser o aspecto dinâmico da missão, se caracteriza em nossa liturgia especialmente como serviço (*diakonia* / Mc 10.43ss), promovendo a imagem de uma igreja servidora. E lembraria aqui Santo Agostinho, Bispo de Hipona, que escreveu, em relação aos bispos recém consagrados: - **“O episcopado é uma tarefa, e não uma honra. Assim, o bispo que coloca o seu coração na posição de eminência ao invés de oportunidade para o serviço, deve compreender que ele não é bispo”** (Cidade de Deus 19.19).

Em janeiro de 1996, a Comissão Anglicana de Missão (*Missio*) reuniu-se e enviou seu relatório (“*Cante Uma Nova Canção*”) ao CCA/10, reunido no Panamá, de 10 a 20 de outubro do mesmo ano, onde consta: - *“A Igreja em transformação e transformadora deve ser, sob a direção do Espírito Santo, um sinal do reinado de Deus.”* Como tal, *“ela deve dar atenção cada vez maior para a relação entre a missão e a cultura, deve ter uma compreensão mais integrada do Evangelho e da justiça social, e demonstrar uma nova percepção comprometida com a realidade tanto do pecado estrutural quanto do individual. A tarefa da missão tem no seu coração o reconhecimento de que a terra é do Senhor e que deve se envolver com a transformação da vida, não só dos indivíduos, mas também da sociedade, das nações e de toda a criação”* (cf. Jo 10.10). O relatório fala ainda de que há uma esperança e uma visão de uma igreja transformada. Esta visão deve nos transportar para além de Lambeth 98 e Lambeth 2008... *“É nossa esperança de que a Comunhão Anglicana cantará uma nova canção, através de uma vida transformada, num espírito de júbilo vivido na simplicidade do amor de Deus”* (e segue a letra da canção “O Grão de Trigo”, do nosso cancionário “Vida e Paz”).

Na Terra Santa vemos **um exemplo de evangelização** nos “dois mares”, o Mar Morto e o Mar da Galiléia. O primeiro é morto por que só recebe. O da Galiléia é famoso por sua piscosidade. Vários rios e riachos nele deságuam, e ele alimenta as águas do Rio Jordão.

Ele recebe e dá! Assim tem que ser a evangelização. Como escreveu o Cônego Colin Craston, no livro *Anglicanism and the Universal Church* (Anglican Book Centre, Canada 1990, pp.277-283), *“Evangelização e serviço & testemunho social são ambos partes da missão. Todos os estudos anglicanos enfatizam isso. Como disse o CCA-6, não é mais necessário se colocar uma separação entre eles. Entretanto, há uma confusão que de tempos em tempos surge quanto ao sentido da palavra evangelização. No seu significado de ‘anunciar as boas novas’, pode se relacionar a tudo o que se relaciona com o Reino. São as boas-novas de que Deus está agindo em Seu mundo para estabelecer justiça e paz, de que Ele finalmente trará o Seu reino à plenitude. Mas como um termo técnico, evangelização tem tradicionalmente expressado o sentido de fazer novos cristãos. E é assim que a maioria dos Anglicanos parecem entendê-la”*. Entretanto o próprio Colin Craston afirma que o termo “evangelização” (boas-novas) se refere a todos os aspectos do Reino de Deus, mesmo que Lambeth-88 tenha declarado em seu relatório *“a proclamação da salvação através da fé em Cristo tendo em vista fazer novos cristãos”*. Há o temor de que o entendimento literal disso conduza a uma ênfase na proclamação visando conversões pessoais e a uma negligência dos outros aspectos da Missão.

Ainda que isso possa nos trazer ansiedade, tenhamos claro que **o foco da evangelização deve ser sempre contextualizado**. Evangelização diferirá grandemente de uma cultura para outra, assim como de uma teologia para outra. Como os anglicanos vivem em muitos contextos diferentes, teremos muito a aprender uns dos outros, bem como de outros cristãos.

O fato é que têm havido mudanças no entendimento anglicano de missão, e o mais importante são as mudanças na importância que se dá à tarefa missionária. Dentro desta visão, entendemos que há uma visão anglicana de missão já aceita pela grande maioria, bastante nítida nas palavras do Arcebispo de Cantuária, em setembro de 1995 (*The Cutting Edge of Mission*, pp.26-35), falando “do caráter inseparável de missão e evangelização”, afirmando a importância de resistirmos hoje a uma rígida separação entre ambas, o que seria um engano. Afirma que **“Missão que não tem evangelização como seu foco não é missão cristã, e Evangelização que se mantém isolada das questões de justiça social e do bem-estar humano não reflete adequadamente a revelação bíblica.”**

Proclamação e serviço são vistos como inseparáveis e nossa Igreja está sendo encorajada a tornar-se uma igreja missionária através de atividades que ultrapassem o cuidado pastoral e a formação. Somos chamados a ser uma Igreja serva, e para isso devemos ter estruturas que nos liberem para a tríplice tarefa do testemunho (*martyria*), serviço (*diakonia*) e comunhão (*koinonia*), como o transbordamento da experiência pessoal do encontro com Cristo. “Este é o conteúdo essencial do evangelho que queremos proclamar. E se não nos envolvermos com isso, seremos uma Igreja desobediente!”

12. O que disse a recente Conferência de Lambeth 2008? Vejamos alguns parágrafos do “Documento dos Grupos Indaba” (que existe em português, na internet!) que consideramos relevantes para a nossa situação:

- ❖ *A Missão pertence a Deus e somos chamados a nos envolver nesta missão, para que o desejo de Deus de salvação para todos seja cumprido. Neste sentido, missão não é primeiramente uma atividade da igreja, mas um atributo de Deus. Igrejas existem como um instrumento para esta missão. Existe igreja porque existe missão, e não vice-versa. Participar na missão é participar no movimento do amor de Deus para com as pessoas, pois Deus é fonte de amor.*
- ❖ *Como anglicanos, valorizamos as “cinco marcas da missão”, que começa com a pregação do Evangelho e o chamado à conversão pessoal, mas que envolve a vida toda: gostaríamos de ver aumentada a ênfase no ecumenismo, pacificação e integração global como partes integrais da missão de Deus. A Missão é um*

modelo rico e diverso, fiel à proclamação do Reino de Deus em Cristo Jesus; uma proclamação que toca todas as áreas da vida.

- ❖ ***Afirmamos que as boas novas proclamadas em Cristo são dirigidas especialmente aos pobres e aos excluídos, aos que são marginalizados em nossa sociedade e aos despossuídos.*** *Em situações onde há imigrantes, refugiados e pessoas desalojadas, a Igreja frequentemente é a primeira a ajudar, mas é necessário desenvolver melhores redes de Comunhão/Companheirismo para ministrar de forma efetiva a este grupo. A Igreja precisa estar atenta às políticas governamentais de imigração. Expressou-se a necessidade de receber os imigrantes e os que estão nas periferias urbanas. Também se notou que o evangelismo para esta população é em muitos casos um processo de "bate e corre", sem resultados evidentes. Há muitos lugares em que a Igreja está ativamente envolvida nos trabalhos entre pessoas com HIV e AIDS. Notou-se, entretanto, que a Igreja precisa estar mais envolvida em dar suporte jurídico, conscientizar, cuidar pastoralmente e fornecer cuidados médicos para aqueles que necessitam.*
- ❖ ***Afirmamos que as boas novas devem continuar a ser proclamada em todas as circunstâncias na alegria do Senhor.*** *É particularmente importante que a Igreja procure estar presente em situações de emergência, de destruição e desastre natural. Histórias das devastações anuais em virtude dos desastres naturais na Tanzânia foram compartilhadas, com relatórios positivos do ministério perseverante com sinais de crescimento neste contexto. Foi identificado como fatores em algumas situações o declínio demográfico e econômico. Crescimento e declínio coexistirão em alguns lugares. As necessidades que confronta a igreja são muitas, mas em muitos lugares, os ingressos para levar adiante a missão da igreja são insuficientes. Tomou-se nota da pobreza de algumas áreas da Comunhão Anglicana, e mesmo assim a Igreja continua ministrando e sendo um sinal de esperança. Notou-se também a redução da população em algumas áreas rurais e afirmou-se a continuidade do ministério nestes lugares.*

“A boca fala do que o coração está cheio” (Lc 6.45). Isso indica que “o que nos preenche” é fundamental para aquilo que “emana” de nós. A comunhão com Deus (espiritualidade) fortalece cada passo da caminhada, mas ela se fortalece quando a caminhada é partilhada, de casa em casa (Mc 6.6-13), é feita de mãos dadas, ou pelo menos lado a lado, na mesma direção. Começando pelo visita pastoral regular do pároco. Ela é contagiante!



MOMENTO DE REFLEXÃO PESSOAL

Todos juntos somos chamados a crescer como ministros mais eficazes, qual seja o nosso papel na vida da igreja (Ef 4.13).

Peçamos perdão a Deus:

1. Por nossas igrejas fechadas ...
2. Por nossos salões paroquiais fechados...
3. Pela pouca hospitalidade da igreja anglicana...
4. Por nos acostumarmos com os bancos vazios ao nosso redor...

5. Por não exigir de nosso clero mais que a direção de ofícios...
6. Por tanta indiferença e inconstância nossa à Aliança Batismal...

PARA UMA BREVE REVISÃO

1. Em nosso Livro de Oração Comum, evangelização (= “pregação do evangelho”) é uma prioridade, mas esta “proclamação” aparece especialmente como um “serviço de amor”. O Catecismo utilizado por nossa Igreja esclarece que os meios de missão são múltiplos, se dirige a todos e tem por finalidade restaurar a unidade de todos com Deus e uns com os outros. Aliás, este nosso Catecismo (págs.23-28) insiste que **cada cristão é chamado a participar na missão da Igreja de diversas formas, a saber, pela oração, adoração, proclamação, promoção da paz, justiça e amor.**

Nos últimos três anos, que sinais indicam nossa participação?

2. A Missão de Deus (*Missio Dei*) não significa proselitismo e crescimento numérico da igreja. **A Missão de Deus é estabelecer o Seu Reino: o procurar fazer do mundo um reino de amor, justiça e paz, governado por Deus e incluindo todas as pessoas (Lc 4.18-21).**

Há indicadores de nosso envolvimento? Quais são?

3. Há **duas ênfases na teologia anglicana da missão**. Uma é **vertical**, outra é **horizontal**. Uma tem seu foco na ação salvadora de Deus sobre as vidas das pessoas; a outra nas relações humanas no mundo. A Comunhão Anglicana, por seu *ethos*, convida pessoas de todas as raças e condições (**inclusividade**) para estar juntos, oportunizando a que seus diversos dons sejam expressados (**diversidade**). É o *jeito anglicano* de mais incluir que excluir. E isto fica bem claro no consenso alcançado na década de 80 na explicitação de **nossa visão comum da Missão** hoje:

- ⇒ *proclamar as boas-novas do Reino;*
- ⇒ *ensinar, batizar e nutrir os novos fiéis;*
- ⇒ *responder às necessidades humanas com um serviço de amor;*
- ⇒ *procurar transformar as estruturas injustas da sociedade;*
- ⇒ *empenhar-se para proteger a integridade da criação bem como sustentar e renovar a vida na terra.*

Como isso pode acontecer nas nossas comunidades?

BIBLIOGRAFIA

COLEMAN, Roger - **Resolutions of the Twelve Lambeth Conferences** / 1867-1988 - Canada, 1992

SYKES, Stephen and BOOTY, John - **The Study of Anglicanism** - CPCK, 1988

FREEMAN, J. Stephen *editor) - **Shaping our Future** - Cowley Publications, 1994

HARRISON JR, C. Robert - **Competing Views of Evangelism** - Anglican Theological Review, Spring 1993

Giving Mission its Proper Place - MISAG -I Report, ACC 1984

Towards Dynamic Mission, - MISAG-II Report, ACC 1993

Renew our Vision in Evangelism - MISAG II Study Guide for the Decade of Evangelism, ACC 1991

MCCOY, Michael - **O Povo das Boas Novas** - SGIEAB, Porto Alegre 1991

SYKES, Stephen - **Unashamed Anglicanism** - London 1995

ACC REPORTS, 1971, 1973, 1984, 1987, 1990, 1993 - Anglican Consultative Council

CRASTON, Colin (editor) - **By Word and Deed** - London 1992

HOWE, John and CRASTON, Colin - **Anglicanism & the Universal Church**, Canadá 1990

TURNER, Philip and SUGENO, Frank (editors) - **Crossroads are for Meeting** - SPCK, 1986

OKOROCHA, Cyril (editor) - **The Cutting Edge of Mission** - ACC, 1996

LAMBETH 2008 Report, ACC 2008, INDABA GROUPS

<p>Oxalá a vivência dessa perspectiva global da Missão possa ser vivida em nossa IEAB hoje. +Jubal Neves</p>
